

A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA EM PROFESSORES: UM ESTUDO ACERCA DA SUPERAÇÃO DA VULNERABILIDADE

Ana Lúcia Leal, Jessica Barbosa da Silva, Marcos Aurélio Alves e Silva, Paula Mirely Pereira da Silva
(Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste - CAA).

Resumo

Este artigo resulta de recortes de Leal (2011), que investigou as práticas de sala de aula de professoras, frente às adversidades cotidianas. No Brasil, muitos professores são comumente expostos a situações críticas, fazendo com que fiquem desiludidos. Docentes que usam a resiliência como uma estratégia de superação, parecem conseguir uma melhor qualidade no trabalho, uma vez que desenvolvem soluções para transformar a tensão em vontade de vencer, contribuindo para a melhoria de toda a sociedade. É fundamental que o sistema político-educacional valorize o desenvolvimento do professor, preparando-os para um maior controle do estresse, fortalecendo a sua resiliência. Em nossa pesquisa encontramos histórias de professoras que, apesar das condições sociais desfavoráveis, conseguiram superar as adversidades, demonstrando um potencial fortemente resiliente.

Palavras-Chaves: Resiliência; Educação; Professores

Fundamentação Teórica

Um Panorama Geral da Educação Brasileira

Interpretada como um “dom”, valorizada por todos os cidadãos e assumida pela sociedade como uma atividade pública, a atividade de ensino, com o predomínio e expansão das relações capitalistas dos últimos tempos, parece ter perdido o seu valor social. As amplas dimensões geográfica, demográfica e econômica do Brasil conferem substância aos cenários otimistas associados ao nome do país.

Os brasileiros estão entre os dez povos mais ricos do mundo segundo o Fundo Monetário Internacional baseado no PIB 2009, mas essa posição cai para 70ª quando a riqueza é compartilhada entre os habitantes (PIB Per Capta). Não obstante o Brasil ter uma riqueza global enorme tem, por outro lado, uma má distribuição de renda que é reflexo da educação de baixa qualidade e da falta de acesso à escola.

Com uma população de 190.732.694 milhões de habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), o Brasil é um país mais populosos do mundo que se comprometeu a encarar a educação como fator de importância-chave para o desenvolvimento. E é notório que a situação social do Brasil vem melhorando. Esse fato pode ser comprovado através dos indicadores de desigualdade, pobreza, educação e acesso à saúde, dentre outros. No entanto, não parece ser igualmente óbvio concluir que estamos, de fato, caminhando rumo ao desenvolvimento humano, justiça social, e verdadeira superação das privações das pessoas.

A despeito de ser um país com enorme potencial é, entretanto, limitado por desigualdade e discriminação persistentes. Apesar da proporção de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza ter diminuído, quase um terço dos brasileiros ainda vivem abaixo dessa linha. Para Barros, Henriques y Mendonça (2000), os elevados níveis de pobreza que afligem a sociedade brasileira encontram seu

principal determinante na estrutura da desigualdade — uma perversa desigualdade na distribuição da renda e das oportunidades de inclusão econômica e social.

Questões de desigualdade persistente, portanto, encontram-se na raiz dos desafios que o Brasil hoje enfrenta em sua busca por desenvolvimento humano. Entre esses desafios encontram-se a erradicação do analfabetismo e a melhoria da qualidade da educação (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura [UNESCO], 2006).

No Relatório de 2008, a UNESCO se refere à existência de alguns fatores fundamentais para uma boa aprendizagem, tais como acesso a livros e materiais didáticos, escolas seguras e bem-conservadas, professores com formação e em quantidade adequadas. Lamentavelmente, problemas relativos a todos esses fatores ainda estão presentes na educação brasileira.

Entendemos que para um bom desenvolvimento intelectual por parte do aluno e autoestima de um ensino proveitoso por parte do professor é necessário que as estruturas físicas das escolas comportem a todos e dêem suporte para um aprendizado eficaz. Muitas salas de aula são quentes, pouco iluminadas, situadas em locais inadequados, algumas até com faltas de mesas e cadeiras, onde os alunos, às vezes, não possuem sequer livros didáticos, cadernos ou lápis. “Quanto à infraestrutura, em muitas escolas brasileiras, especialmente na periferia dos grandes centros e da zona rural, as condições são precárias; as salas são exíguas e desconfortáveis” (UNESCO, 2008, p. 19).

Nesta direção, reflete-se que o trabalho docente tem sua organização e administração delimitadas por estar inserido na lógica de produção capitalista. Ao discutir as condições de trabalho dos professores de escolas públicas brasileiras, Oliveira (2004) apresenta alguns efeitos ocasionados pelas alterações na forma de gestão e estruturação do trabalho escolar, quais sejam: intensificação do labor docente, exigência de polivalência, desgaste e insatisfação, assim como precarização da profissão. O exercício da atividade educadora está circundado atualmente pela constante sujeição do professor a ritmos acelerados de trabalho, a sobrecargas laborativas, a riscos à saúde física e mental, além da degradação salarial e deterioração dos direitos individuais.

Perante tantas situações adversas com que muitos professores brasileiros se deparam, podemos concluir que nem sempre a tarefa educacional será fácil. O que leva um profissional a desistência de sua carreira é um processo, assim como sua formação. É um conjunto de fatores que se mostram mais propício o abandono da profissão do que mesmo a luta por ela.

Para Cavallet (2006),

“o dia-a-dia das escolas, que deveria propiciar o tempo necessário para as elaborações, está repleto de sinais que dizem da sociedade dos resultados rápidos, do espetáculo e da imagem, da falta de tempo para as conversas e para leituras mais profundas e significativas. Nas lacunas da alienação, onde não se reconhece o próprio desejo, colocam-se objetos, consomem-se mais e mais objetos e informações. Vela-se a angústia, cultiva-se a reprodução e o silêncio.” (p.136).

Na sala de aula é comum acontecer momentos de crise de desistência tanto por parte do professor como do aluno, sobrecarregados de cobranças, muitas vezes esquecem de parar por um momento e refletir o seu papel frente aquilo que exercem. A falta de motivação para o trabalho, baixa realização profissional e exaustão emocional constituem uma síndrome que atinge cada vez mais professores.

Carlotto (2002) considera que o estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da repetitiva pressão emocional associada ao intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo, pode sinalizar a existência de uma síndrome denominada *Burnout*. Os professores

que sofrem graus mais avançados da síndrome precisam afastar-se da sala de aula, sendo readaptados em outros setores da escola, como bibliotecas ou serviços administrativos.

O caminho que o professor precisa trilhar para superar as adversidades e realizar-se como tal implica poder escutar a si próprio e ao outro, desatar os nós das estereotípias que já não servem mais, apesar de sustentar. Uma postura assim implica poder estar próximo, olhar de frente e se entregar àquilo que é realmente importante. Poder pensar no improvável, antes de se opor ou concordar sem se implicar. Poder colocar a incerteza em perspectiva. Assim, conhecer a si mesmo, acolher o diferente e suplantar os desafios tornaram-se práticas cada vez mais difíceis e não menos necessárias, demandando flexibilidade e criatividade.

Mesmo assolados pela vontade de desistir, diante de tantas situações adversas, ainda assim alguns professores não desistem, porque “estão realizados deste modo”. Eles sentem, mostram uma integridade intrínseca, uma dignidade indiscutível, um desejo legítimo de fazer bem o seu ofício, não apenas porque precisam garantir o sustento, mas, sobretudo, por um ideal de vida, por amor à sua profissão. A compreensão destas posturas pode estar em estudos desenvolvidos pela Psicologia e é sobre esse aspecto que iniciaremos o nosso próximo tópico.

A Resiliência: Algumas Características e a sua Importância na Educação

Há mais de quarenta anos a Psicologia tem se interrogado sobre o fato de que certas pessoas têm a capacidade de superar as piores situações, enquanto outras ficam aprisionadas na infelicidade e na angústia, presas nas teias da tristeza que se abatem sobre elas. A capacidade das pessoas manterem-se íntegras, apesar das adversidades do caminho, chama-se resiliência (Antunes, 2007; Costa, 1995; Cyrulnik, 2004; Poletti & Dobbs, 2007; Tisseron, 2007).

Na literatura brasileira, pode-se dizer que há um consenso a respeito do conceito da resiliência ser originário da física ou do termo “resiliência” ter sido trazido desta disciplina (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Junqueira & Deslandes, 2003; Poletto & Koller, 2008; Souza & Cervený, 2006; Yunes, 2003; Yunes, Mendes & Albuquerque, 2005; Yunes & Szymanski, 2001). Em Psicologia, o estudo da resiliência é relativamente recente, sendo pesquisado há pouco mais de vinte anos.

Junqueira y Deslandes (2003) destacam uma importante diferença entre a resiliência estudada pela Física e aquela pela Psicologia no que diz respeito ao retorno do objeto, ou pessoa, ao estado anterior à pressão sofrida. A resiliência, para a psicologia, em algumas de suas conceituações, envolve algo além do retorno ao que se era antes, pois abrange um crescimento a partir da superação da pressão. Para Poletto y Koller (2008), a ideia de voltar à forma original após o impacto de um estressor está superada, pois “o sujeito aprende, cresce, desenvolve e amadurece” (p.17), portanto, se transforma.

Ainda hoje a palavra e seus significados permanecem desconhecidos para a maioria das pessoas. A maior parte dos profissionais da área de Psicologia, Sociologia e Educação não conhecem a palavra e desconhecem sua aplicação em quaisquer das áreas da ciência. Em alguns países da Europa, nos Estados Unidos e no Canadá, a palavra “resiliência” já vem sendo usada com frequência, não só por profissionais das Ciências Sociais e Humanas, mas também através de referências da mídia a pessoas e ações em geral (Yunes & Szymanski, 2001; Antunes, 2007).

O foco no indivíduo, na sua capacidade de autoestima e autonomia caracterizavam as pesquisas pioneiras que consideravam que a resiliência existiria por uma constituição singular do indivíduo, como traço de personalidade, ao passo que existiriam os não-resilientes, não dotados de capacidade para resistir ou para enfrentar as adversidades. Essa concepção ainda vinha associada à ideia de a resiliência ser uma característica mais inata do que passível de ser adquirida.

Brandão (2009) considera que hoje em dia é mais comum que os pesquisadores compreendam a resiliência como um processo a ser desenvolvido dinamicamente na interação do sujeito com sua história e com a adversidade com que se defronta.

Assim como Poletti y Dobbs (2007) acreditamos que a resiliência existe em função do temperamento da pessoa, mas também em função da significação cultural da ferida e do tipo de apoio social de que ela dispõe. Pode se manifestar em situações onde exista um grande risco devido ao acúmulo de fatores de estresse e tensão. E também quando a pessoa é capaz de conservar aptidões em face do perigo e seguir crescendo harmoniosamente. 10

Cyrulnik (2004) considera que um dos fatores que mais favorecem a resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros da rede pessoal e social. Neste sentido, é razoável desenvolver nas pessoas e nas organizações, especialmente as educativas, capacidades mais resilientes para que possam responder mais eficazmente aos desafios da sociedade. Para tanto, é indispensável repensar os programas de formação de professores e condições de trabalho, abordando dimensões socioculturais e pessoais, para assim, evitar um maior desgaste e desvalorização do profissional. É de fundamental importância, portanto, que o sistema político-educacional valorize o desenvolvimento do sujeito, no sentido de preparar os seus participantes para um maior controle do estresse, fortalecendo a sua resiliência, ao longo de toda a vida.

Docentes que usam a resiliência como uma estratégia de superação, estão aptos a conseguir uma melhor qualidade no trabalho, uma vez que podem desenvolver soluções para transformar a tensão do ambiente em vontade de vencer, contribuindo, efetivamente, para a melhoria da sociedade como um todo.

Cyrulnik (2004) compreende que falta a muitos professores a consciência de serem potencialmente capazes de metamorfosear a vida dos educandos, pois subestimam o efeito de sua pessoa e superestimam a transmissão de seus conhecimentos. Contudo, podem ser encarados como tutores de resiliência de seus alunos se, além de se ocuparem da transmissão dos conteúdos acadêmicos, também os auxiliarem e os fortalecerem na capacidade de responderem de modo consistente às dificuldades da vida, superando possíveis eventos traumáticos. O professor necessita de amor, paciência, esperança, persistência e disciplina para ajudar os alunos no enfrentamento das adversidades porventura surgidas.

Para nós, portanto, a resiliência está engendrada em um complexo quebra-cabeça que reúne peças representativas da constituição pessoal e também da interação com o mundo externo, beneficiada (porém não determinada) por um ambiente que estimule sua efetiva manifestação.

Acreditando na importância da interação professor aluno para a formação humana é fundamental, portanto, que a escola crie um ambiente educacional rico e estimulante, fazendo da resiliência a característica central de seu modelo de organização. O fortalecimento dessa capacidade não deve estar ausente dos processos de formação docente, estando incluso nos saberes necessários à sua prática (Antunes, 2007).

Um Recorte da Pesquisa Metodologia

Apesar do elevado número de publicações sobre resiliência, pouco ainda se conhece sobre o fenômeno. Para tratar do tema, o pesquisador necessita reconhecer possíveis recursos metodológicos que possam favorecer novas descobertas e ampliar as possibilidades de informações (Yunes, 2001; Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007). O presente estudo está caracterizado por um enfoque fenomenológico e situa-se no campo da pesquisa quantitativo-qualitativa, enfocando o que se apresenta como significativo ou relevante em dado contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem, sempre comprometidas com a inserção da dimensão técnica em um todo maior que lhe fornece um sentido.

Segundo informações do Recifescola (2007), que é considerado uma Associação de apoio a projetos educacionais realizados na região Nordeste do Brasil, a situação do município pesquisado não é das mais satisfatórias, já que a infraestrutura escolar encontra-se muito deteriorada, assim como se pode afirmar a respeito das casas onde as crianças vivem com os pais. Os professores também não recebem uma formação profissional adequada. Além disso, a dieta nutricional das crianças é em parte unilateral, e a assistência médica mostra-se deficiente.

Para realização da pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário, observação das aulas, videografia, análise autobiográfica e entrevista de autoconfrontação. Maiores informações em Leal, Röhr y Acioly-Régnier (2012).

É válido ressaltar que não foram estabelecidos critérios rígidos que pudessem caracterizar a resiliência, tendo sempre sido respeitado o contexto em que as professoras e seus alunos estavam inseridos no momento em que determinada postura foi assumida.

Como diria Brandão (2009),

“a resiliência se transforma se as circunstâncias mudam. Ela é processual e dinâmica. Cada processo de enfrentamento de adversidades acontece de uma determinada forma que dependerá de quem enfrenta, do que se enfrenta e de quais circunstâncias envolvem o processo.” (p.73)

A seguir, apresentaremos brevemente algumas impressões a respeito da prática docente de duas professoras que apresentaram características consideradas fortemente resilientes (chamadas por nós de Laura e Graziela). Posteriormente, realizaremos uma análise de acordo com o Padrão de Resiliência Relacional (Polk, 1997). Teceremos, sobretudo, considerações que contemplem mais diretamente o âmbito educacional.

Impressões sobre a Prática Docente de Laura e Graziela

Laura – A professora com mais características resilientes da amostra.

Laura possui 49 anos, é casada, mãe de duas filhas, avó de uma menina. É a segunda filha de uma prole de 13 filhos. Moravam 16 pessoas em uma casa de um cômodo só (além dos 13 filhos, havia o pai, a mãe e a avó materna) e teve uma vida cercada de muitas privações e sofrimento.

Tem 21 de experiência profissional docente. Na maioria das aulas que observamos esteve disposta, bem apresentada fisicamente, sempre chegando antes do horário para conferir os materiais que utilizaria e também para arrumar as bancas da sala de aula. Nos dias em que estivemos presentes, a sua turma era composta de 19 até 22 alunos. Tratava-se da 4ª série do ensino fundamental.

Ela comumente movimentava-se pela sala e sentava-se entre os alunos, com uma expressão facial tranquila, demonstrando coerência em sua expressividade corporal. Nos momentos em que esteve aborrecida e/ou irritada, contraía a face e cruzava os braços, muitas vezes observando os alunos em silêncio, para então questioná-los ou repreendê-los. Um dos primeiros aspectos que destacamos foi a disposição das bancas. Mostramos a imagem das bancas em círculo, registrando a postura de Laura sempre checando se os alunos estavam realizando as atividades adequadamente.

Ela pareceu compreensivelmente respeitar os alunos, instigando-os na resolução de situações-problema, para que tirassem as suas próprias conclusões. Entendemos que o educador deve disponibilizar-se amorosamente para auxiliar o educando, mas não deve fazer por ele. E Laura pareceu realmente instigar seus alunos com vistas a acostamá-los a serem persistentes diante das dificuldades de suas vidas.

Para favorecer a compreensão dos alunos e motivá-los a refletir sobre os assuntos, Laura buscava contextualizar os temas, buscando exemplificar as situações de acordo com a realidade das crianças e do município.

Com simplicidade e humildade, Laura identificou situações pouco favoráveis em suas aulas, admitindo não ter possuído em algumas ocasiões uma proposta clara, pois suas atividades demoraram mais do que era necessário, subaproveitando o tempo.

Registramos nas aulas, momentos de irritação e impaciência. Apesar disso, Laura retornava ao estado de bom humor rapidamente. Há de haver pressão, quando necessário, mas o mais importante é que as pessoas com características fortemente resilientes possuem o discernimento para “agir” no momento certo.

Verificamos uma preocupação com temas que transcendiam o conteúdo formal das disciplinas. Quando surgia uma oportunidade, ela aproveitava para refletir sobre temas diversos. Quando, por exemplo, simulou uma “eleição” em sala de aula e os alunos fraudaram, ela não perdeu a oportunidade de abordar a importância da honestidade.

Uma postura muito comum em suas aulas foi incentivar o respeito entre os alunos. Ela pediu para que valorizassem os acertos de seus colegas, assim como os repreendia quando conversavam, enquanto outros estavam falando.

Apesar de reconhecer que a sua profissão não é fácil e que enfrenta muitos problemas como professora, como por exemplo, a falta de compromisso das famílias dos alunos, não pensa em desistir e ao ser questionada sobre o que mais a satisfazia na profissão docente, mencionou poder ser testemunha da vitória de seus alunos.

Não se aproveitou das adversidades vividas para criar ao seu redor uma atmosfera de pena, considerando-se uma pessoa feliz. Ela diz textualmente: “Ah não, pelo amor de Deus, não. [...] Não tem do que reclamar. A vida está lhe dando isso, mas você não tem que aceitar, você tem que ir em busca”.

Graziela – A segunda professora com mais características resilientes da amostra.

Graziela possui 32 anos, é casada, tem dois filhos adolescentes, possui seis irmãos e uma irmã gêmea. Sua mãe teve doze filhos, mas apenas seis sobreviveram. O seu pai sustentava a família através da pescaria e passaram por muitas privações materiais. Ele tem sete anos de experiência docente.

Algo interessante observado em suas aulas foi o momento do acolhimento. Nestas situações os alunos brincavam e interagem antes do início da aula, propriamente dita. Igualmente agradável foi observar o momento da chamada. Todos eles cantavam uma música, inserindo, a cada momento, o nome do colega que deveria estar presente.

Nas aulas em que estivemos presente, a turma de Graziela variou entre 12 a 14 alunos e fazia parte do Projeto Se Liga. O Projeto Se Liga foi viabilizado através do Instituto Ayrton Senna e destina-se à alfabetização de crianças que apresentem dificuldades de aprendizagem, com distorções quanto à idade ou série. Assim, em sua turma havia alunos fora de faixa, apresentando problemas de comportamento, dificuldades de atenção e concentração e, por isto, era uma turma naturalmente difícil.

Uma das estratégias usadas era a revisão dos assuntos. Para nós, essa é uma estratégia louvável, sobretudo em se tratando de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Chamou-nos a atenção, também, o modo como os alunos estavam sentados. Inicialmente em semicírculo, ao longo das duas aulas iam se aproximando cada vez mais do quadro branco, demonstrando interesse pelo conteúdo transmitido, mas também parecendo disputar o espaço entre eles e talvez com a própria professora, que às vezes parecia literalmente acuada.

Apesar de termos localizado situações em que o tratamento dado aos alunos havia sido carinhoso, o cansaço e a irritação durante as aulas foi uma constante. Apesar de referir, às vezes, o sentimento de impotência diante dos alunos, podemos mencionar situações em que ela os enfrentou com segurança.

Apesar de todo o cenário adverso, podemos com satisfação mencionar claramente uma evolução no rendimento da maioria dos alunos em relação ao início do ano e acreditamos que isto ocorreu por um maior vínculo com a professora, maior intimidade entre os alunos, maior adaptação à rotina escolar, além da ênfase por atividades práticas.

Assim como Laura, houve uma preocupação nas aulas em ir além do conteúdo formal das disciplinas, sempre buscando refletir com os alunos sobre a importância de agirmos decentemente.

Graziela referiu que as maiores dificuldades vividas em sua prática docente eram a falta de materiais e de engajamento dos pais nas propostas da escola. Apesar disso, percebemos que ela teve a iniciativa de buscar compensar algumas faltas, dedicando-se ativamente para revertê-las (sobretudo em suas aulas, encontramos muitas atividades práticas), sem pensar em desistir, apesar de tudo. Sobre a sua maior gratificação profissional, mencionou ser o reconhecimento dos pais dos alunos pelo avanço de seus filhos, atestando a qualidade de seu trabalho.

A seguir, apresentaremos a análise e discussão dos Padrões de Resiliência Relacionais.

Análise e Discussão dos Padrões de Resiliência

Em relação aos Padrões Relacionais, analisamos a capacidade de ajuda mútua e de estabelecer vínculos emocionais. Barbosa (2006) menciona a existência, nos resilientes, da habilidade de buscar apoio social para viabilizar soluções para as dificuldades da vida.

Capacidade de ajuda mútua/Capacidade de estabelecer vínculos emocionais.

Para Frankl (2005), toda pessoa se realiza tecendo múltiplas relações de amor, de justiça, de solidariedade com as outras pessoas, à medida que desenvolve a sua atividade no mundo. O agir humano tende a promover a dignidade da pessoa, as qualidades das suas condições existenciais.

Poletti y Dobbs (2007) consideram a compaixão como uma característica de pessoas com forte manifestação resiliente, pois é o que permite encarar o outro tão importante quanto si mesmo, agindo para confortá-lo. Favorece o bem estar pessoal, ajudando na superação e na luta contra o desespero, pela possibilidade de auxiliar o outro.

Percebemos claramente esta preocupação em Laura em várias passagens de sua vida. Podemos ilustrar várias situações: quando, ao começar a trabalhar, passou a ajudar nas despesas de casa. Ela, inclusive, deu o seu primeiro 13º salário para que sua mãe comprasse eletrodomésticos para a família; quando defendeu uma irmã de uma agressão física de seu pai; quando passou a cuidar do marido, acometido por um acidente vascular cerebral. Essa disponibilidade em ajudar o outro englobou a sua prática docente, quando disse estimular seus alunos a vencer os desafios da vida. Essa disponibilidade em ajudar o outro englobou a sua prática docente, quando disse estimular seus alunos a vencer os desafios da vida.

Como já mencionamos, Cyrulnik (2004) acredita que quem viveu uma ligação afetiva de boa qualidade na infância possui melhor prognóstico de desenvolvimento e maior resistência em casos de infortúnio, uma vez que já terá adquirido uma maneira positiva de entrar em contato com os adultos e enxergar neles segurança. Em sua história pessoal, Laura recebeu um apoio significativo de sua avó (para nós, a sua tutora de resiliência).

Graziela também mencionou a presença marcante de um familiar em sua vida, a sua mãe, auxiliando-a sempre que necessário. Ela também referiu um movimento de solidariedade em relação ao próximo.

No que diz respeito à atuação das professoras em sala de aula, como já dissemos, identificamos situações de atenção, carinho e solidariedade por parte das duas, indo além da transmissão dos

conteúdos acadêmicos, transcendendo o cognitivo, mas ainda assim representando uma atitude pedagógica, quando os ajudaram na capacidade de responderem de modo consistente às dificuldades da vida.

A maneira pela qual as pessoas irão superar seus dramas pessoais depende de inúmeras variáveis, dentre elas, das circunstâncias vividas, mensagens recebidas, ligações afetivas que criou e a segurança que estas lhe fizeram sentir. Laura e Graziela pareceram receber um suporte afetivo externo (avó e mãe, respectivamente).

No que diz respeito à capacidade de estabelecer vínculos emocionais, Laura mostrou-se fortemente vinculada a suas filhas e neta. Graziela usufruiu de uma relação familiar intensa e o vínculo permanece forte até hoje.

Considerações Finais

Na pesquisa de doutorado de Leal (2011), encontramos histórias de professoras que, apesar das condições sociais desfavoráveis, conseguiram superar as adversidades, demonstrando um potencial fortemente resiliente.

Podemos considerar que os Padrões de Resiliência estudados foram, de fato, contemplados em sua grande maioria pelas professoras que demonstraram possuir mais características de resiliência. No que diz respeito, especificamente, aos Padrões Relacionais, consideramos que foram contemplados de modo predominante em Laura e Graziela.

Houve indícios de que as histórias de vida das professoras influenciaram na postura com mais ou menos características resilientes, mas não se tem como assegurar isto.

Laura, apesar de uma história de vida de extremo sofrimento, privação material e pressão emocional, superou muitas das adversidades com o apoio da avó. Ainda que tenha vivido inúmeros dramas pessoais, soube enfrentar as dificuldades com dignidade e coragem.

Graziela mencionou que sua mãe era sua grande incentivadora, ajudando-a a superar as dificuldades com humor e sabedoria, o que nos fez considerá-la como sua tutora de resiliência. O sentido de sua vida esteve na criação de seus filhos, na relação vivida com seu marido e com sua mãe.

Outro ponto norteador de nosso trabalho foi saber como a resiliência das professoras se manifestou em sua prática pedagógica. Os resultados indicaram que a maneira como enxergamos possíveis dificuldades, como encaramos nossas deficiências é que foi um indicativo da resiliência apresentada pelas professoras. Posturas mais fortemente resilientes não garantiram uma aula tecnicamente mais eficaz. Ser resiliente, portanto, não implicou em ser mais ou menos competente tecnicamente, não havendo uma relação direta, ou de causa e efeito neste sentido.

As professoras dotadas de características mais resilientes conseguiram manter mais frequentemente o equilíbrio frente às situações adversas, demonstrando, dentre outras coisas, bom humor, humildade e disposição para superarem as dificuldades, cultivando um ambiente mais prazeroso e relaxante e obtendo uma maior adesão espontânea dos alunos, aspecto este considerado favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos ser possível pensar em uma nova sociedade, melhor e mais humana, se os parâmetros forem as relações vividas em um âmbito educativo pautado no respeito mútuo e em um contexto prazeroso. Concordamos com Jaspers (1973) quando considera que, para educarmos, temos que primeiro sermos alguém. Neste sentido, a formação do educador necessita contemplar a sua dimensão humana, indo muito além da formação técnica e profissional, representando esta uma importante implicação educacional.

Acreditamos que quanto mais características resilientes o professor possua, mais facilmente poderá exercer a função de tutoria. Inserido numa visão mais ampla e otimista da formação profissional

e humana do educador, o presente trabalho indica o reconhecimento da resiliência como favorecedora de um posicionamento humano mais integral, compondo uma prática voltada não apenas à transmissão dos conteúdos, mas também à própria humanização dos professores e alunos.

Referências

- Antunes, C. (2007) *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. (4ª Ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Assis, S. G., Pesce, R. P. & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Barbosa, G. (2006). *Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental*. Recuperado em 14 de fevereiro de 2009, do I Congresso Internacional de Pedagogia Social: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100014&lng=en&nrm=abn.
- Barros, R. P. de, Henriques, R. (2000) & Mendonça, R. Desigualdade e Pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15, nº 42.
- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, 7, 21-29.
- Cavallet, S. R. R. (2006). *Construção da identidade e escolhas no acesso ao ensino superior: processos de mudança e trabalho psíquico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.
- Costa, A. C. G. (1995). *Resiliência. Pedagogia da presença*. São Paulo: Modus Faciend.
- Cyrulnik, B. (2004). *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida. Psicoterapia e Humanismo*. (V. H. Lampeta, Trad.) 11ª Ed. São Paulo: Idéias e Letras.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010.
Recuperado em 14 de agosto de 2013, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>.
- Jaspers, K. (1973) *Filosofia da existência*. (M.A.de M. Matos, Trad.) Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Junqueira, M. F. P. S. & Deslandes, S. F.(2003) Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde pública*. 19 (1), 227-235.
- Leal, A.L.G. (2011). *Resiliência e formação humana em professores: em busca da integralidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

- Leal, A.L.G., Röhr, F. & Acioly-Régner, N. (2012). Metodologia utilizada em um estudo sobre Resiliência: A partilha de uma experiência. En A.L.B. de Arruda & K.R. Gouveia (Orgs.). *Pesquisas em políticas e práticas educativas: questões e desafios*. (pp. 127-141).
- Oliveira, D. A. (2004). A Reestruturação do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização. *Educ. Soc.*, 89, 1127-1144.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (2006). *Marco Estratégico da UNESCO no Brasil*. Brasília: UNESCO.
- _____. (2008). *Relatório de monitoramento de educação para todos Brasil 2008: educação para todos em 2015; alcançaremos a meta?* Brasília: UNESCO.
- Poletto, M. & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*. Campinas [versão eletrônica], 25 (3), 405-416.
- Poletti, R. & Dobbs, B. (2007). *A resiliência: A arte de dar a volta por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Polk, L. (1997). Toward a middle-range theory of resilience. *Advanced Nursing Science*, 19, 1-13.
- Recifescola (2007). *Cultura e Ecologia*. Recuperado em 01 de abril de 2009, de <http://www.recifescola.com.br/portugues/itapissuma.html>.
- Souza, M. T. S. & Cerveny, C. M. O. (2006). Resiliência: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia. *Revista Ciências Humanas*. Taubaté, 12 (2), 21-29.
- Tisseron, S. (2007). *La résilience. Que sais-je? Dépôt legal*. Paris: Press Universitaires de France.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de Doutorado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- _____. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M. & Albuquerque, B. de M. (2007) Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 20, n.3.
- Yunes, M. A. M., Mendes, N. F. E & Albuquerque, B. de M. (2005). Percepções e crenças de agentes comunitários sobre resiliência em famílias monoparentais pobres. *Texto e contexto – Enfermagem*. 14, 24-31.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. En J. Tavares (Org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez.